



**PSICANALISTAS  
QUE FALAM**

**TRANSCRIÇÃO CHAIM KATZ**

[00:00:00] Créditos

[CHAIM KATZ] Bom, eu olho pra lá, né, pra Heidi, claro?

Então... Rapidamente eu me voltei pra questão da ideia de que o mundo deveria ser socialista. Eu acho que é um começo de alguma coisa.

Eu tinha essa facilidade de poder investir num projeto assim, porque sendo judeu tinha movimento de judeus que pensavam igual. Eu pertencia à colônia, a colônia era importante pra mim. Não é que eu fosse um judeu religioso, seguidor da colônia e tal, mas eu pertencia, eu me sentia, eu me sinto até hoje, pertencente ao judaísmo.

Então foi fácil, porque eu me liguei a um desses movimentos ditos socialistas sionistas e a ideia de proteger os outros, de pensar no desamparo dos outros e tal me pegou rapidamente.

E a partir daí eu fui ver que esses outros estavam perto demais de mim e que não eram só... Porque o problema do judeu, não sei se dá pra falar aqui, mas é muito complicado na medida em que quando eu nasci não existia o Estado de Israel e a situação a respeito do antissemitismo promovido... Como eu, como um menino de 9, 10 anos era muito difícil... Eu fui estudar em escola judaica porque o meu ambiente era muito antissemita.

É como aparecem agora ideias que a gente desconhece, eu leio no jornal as ideias das pessoas, por exemplo sobre a homossexualidade, eu fico meio impactado porque eu não acredito que sejam tantas pessoas homofóbicas.

Então, pensem nisso, como isso era também o movimento antissemita. Logo me dei conta de que se eu fizesse parte de grupos maiores que se ligassem à chamada vida social brasileira, que seria mais amplo meu trabalho.



**PSICANALISTAS  
QUE FALAM**

Mas eu era ligado aos grupos judeus. E eu resolvi ir pra São Paulo quando eu tinha 17 anos. Eu tinha uma vida meio pobre, meus pais eram considerados pobres em Belo Horizonte, mas nunca passamos necessidades, uma ou outra só. Mas eu fui pra São Paulo, eu tenho lembrança de dormir na Rua Prates, 93, numa mesa de ping pong - ping pong ou tênis de mesa - e fiquei lá seis meses na mesa de ping pong. E depois eu fui pra um kibutz em Jundiá.

Eu sou meio nômade. Tanto que eu deslizo muito no meu pensamento, eu escrevo muito sobre filosofia, sociologia... Psicanálise nem se diz, né?

Eu fiz um curso de lógica matemática de três anos. Então eu deslizo na vida.

Aí eu trabalhei no comércio no Rio [de Janeiro], até que eu tive uma doença muito grave e fui pra Belo Horizonte. E o que é que a gente faz em Belo Horizonte? Fica na casa da mamãe. Na casa da mamãe a gente resolve tudo. E eu resolvi.

Eu fiquei lá um tempo, depois mudei e continuei em Belô. E lá, na altura de 1960, eu me uni à Polop [Organização Revolucionária Marxista Política Operária], onde eu conheci muita gente.

Vocês vão me dar licença, mas eu não vou citar todos os nomes, não quero.

[00:05:10] Mas eu participei muito ativamente, muito provocativamente, saía daquela linguagem... A Polop tinha uma tendência um pouco stalinista e um pouco trotiskista - era meio gozado. E eu, francamente, não gostava de nenhum dos dois. Mas eu era mais trotiskista, porque o Trotsky me dava o direito de querer comer a Frida Kahlo um dia e o Stalin eu não conhecia a vida sexual dele. Mas foi uma época... Primeiro que eu era muito jovem, as minhas responsabilidades eram: eu trabalhava e, ao mesmo tempo, eu podia participar de movimentos, a Polop era muito exigente.

Eu estudei muito, comecei a dar aula na universidade e não tinha completado nem o hoje chamado Segundo Grau [Ensino Médio] e fui pra universidade pra dar aula. Dava aula pros meus colegas, fiz parte de um grupo que estudou o *Ser* e o *nada*, do Sartre,



## PSICANALISTAS QUE FALAM

durante seis meses. E trabalhei à beça, tinha um bom nome em Belo Horizonte entre os colegas de esquerda, muito bom.

E então o que me levou à esquerda foi um movimento afetivo que tem uma coisa a ver com a minha mãe. Mas eu nunca pude pensar isso direito, eu sei que sem minha mãe eu não teria ido. E ela não me apoiava, mas quando eu tive dificuldades – porque eu alugava uma sala que tinha um jornal e uma sede de um outro grupo e foi minha mãe que foi comigo na imobiliária desmontar, uns três ou quatro dias depois do Golpe [de 64]...

Vocês me desculpem chamar de Golpe, vocês chamam de que, de Revolução? Então é de Golpe mesmo!

Então ela que foi comigo e eu senti que a minha pista era boa, porque ela me protegeu, eu já era um burro velho, com 27 anos, então tinha alguma coisa na família que me facilitou isso.

Minha mãe, por ser uma pessoa generosa, achava que eu podia ter caminhos diferentes dos dela, essa coisa é muito boa...

Até hoje eu atento pra aquilo que o outro é, pensa, até o outro em mim me interessa muito. Acho que por isso eu me tornei psicanalista e, modéstia à parte, bom psicanalista, porque esse outro que me incomoda dentro de mim, que não é minha figura social, eu converso com ele o tempo todo e eu o atendo, quando vem alguém me procurar eu procuro atender esse outro que até hoje é irrequieto, ele não ficou velho, é gozado isso, não sossegou.

Enfim... Aí eu conheci um bando de gente. Nós fizemos uma espécie de boate, chamada de "Bocheco" – O "che" vocês imaginam em nome de quem que era, então Bocheco era um lugar pra fazer finança pra Polop. E eu era o – como é que chama? O fiador do negócio...

Naturalmente fracassou, porque nós sabíamos fazer muitas coisas boas, mas *business* não era a nossa. Vivia cheio e não dava lucro. Os meus sócios oficiais, um era uma pessoa com quem eu tive uma ligação muito grande só de amizade e respeito, que ela foi



**PSICANALISTAS  
QUE FALAM**

secretária de estado aqui em São Paulo, a Inês Etienne Romeu, o outro era o Beto [Carlos Alberto Soares de Freitas] que morreu, foi assassinado na Casa da Morte.

Mas a gente fracassou e tínhamos que devolver a casa, aí eu fiz a primeira chantagem, que eu me lembre, da minha vida: Eu falei pro namorado, amante, da dona da casa – que aliás era muito bonita, merecia um amante – porque eles me ameaçaram e tal, e eu falei:

[00:10:01] "Olha, se vocês me ameaçarem, eu tô sendo procurado pela polícia, eu vou ser obrigado a dizer sobre o Bocheco". Aí nós conseguimos um acordo.

Mas isso era esse outro que eu tenho dentro de mim que ele é ruinzinho, é contra mim, mas contra os outros também.

Enfim, uns dias depois, assim, uma semana antes eu tinha me mudado, eu morei no edifício Levi, que ficou famoso porque moravam lá: a Débora Bloch, o Milton Nascimento, um bando de gente... O edifício Levi era um edifício de classe média no centro da cidade onde nós da classe média morávamos, né? E a gente conhecia muita gente, pra mim tinha uma vantagem que era ao lado da Faculdade de Filosofia, e de Economia, que era ali na esquina.

Mas eu tinha me mudado pra um apartamento que eu mesmo construí com meu pai, na rua Paracatu, aí quando eu mudei pra lá e estourou o golpe, pra minha casa vieram 12 pessoas. Também não preciso dizer os nomes. E ficaram lá um tempo. Nós tínhamos um mimeógrafo e imprimíamos – porque nós íamos salvar o Brasil, vocês sabem, né? Aí nós imprimíamos panfletos, que eram distribuídos pelo Padre Lage – esse eu posso citar, porque ele já morreu, lá na Igreja da Floresta, e quem levava era uma pessoa muito legal, que era a Lotes, a filha... Me fugiu o nome da mãe dela, a mãe dela ainda é viva parece, que é a mãe da Maria do Carmo Brito, que é muito corajosa e fazia coisas! E a Lotes que era uma menina pequena, bonitinha, ela levava os panfletos e eu acho que ela que tinha coragem. Nós imprimíamos, escrevíamos no estêncil, mas a gente tava lá em casa, porque eles nunca procurariam ali.



**PSICANALISTAS  
QUE FALAM**

Estávamos ali há uma semana, mas depois de 11, 12 dias, eu não me lembro quem primeiro – olha, o grupo era muito ilustre! Mas não me lembro quem primeiro resolveu sair: um foi pra São Paulo, outro foi pro Rio, porque a gente antes de sair pro exterior viajava pro Rio e São Paulo, que na época também era um pouco exterior. Um ônibus levava 10 horas pro Rio, de "Belzonte" até o Rio. E quando eles se foram, ficou só um amigo meu que depois escapou, nós dois éramos... Ele era presidente e eu tesoureiro das Ligas Camponesas, que tinham uma base importante em Três Marias. Uma história muito bonita e de uma tristeza e uma arrogância... Eu quero contar pra ficar registrado depois de eu morrer...

A gente pegou a menina, que eu não me lembro o nome dela, que era irmã do cara que era presidente das Ligas, que era ou Ranulfo ou Randolfo [Randolfo Fernandes], eu não me lembro, mais Ranulfo do que Randolfo... E nós a levamos para Belo Horizonte, e demos um banho de cultura nela. Cultura significava assim: levamos a museus, a bibliotecas, cinema... Na época não tinha vídeo, essas coisas... E levamos à casa de pintores, demos aulas pra ela, tudo pra ela voltar e transmitir pros camponeses... Acontece que além de tudo ela era mulher e mulher, como as que estão aqui sabem, se apaixonam. Se apaixonou por um dos nossos colegas. E nós ficamos numa indecisão de: "O que fazer com essa paixão?". Se devolvêssemos a moça pra Três Marias, ia devolver pra um lugar que vocês não têm noção do que era, tão ermo, assim, com relação a... Belo Horizonte era pequena, hoje tem uma orquestra filarmônica, com o [Fabio] Mechetti, uma coisa importante, tem um museu, tem possibilidade de teatro internacional, tem uma estação Itacolomi própria e tal. Na época Itacolomi era uma coisa ligada ao [Assis] Chateaubriand, uma coisa pequena, incipiente...

[00:15:20] E se ela fosse pra lá, ela ia acabar... Vocês veem? Nós trouxemos a moça pra passar um chá de cultura e ficamos impregnados pela ambivalência dela. Porque ela não só teve essa paixão, como ela... Nós compramos roupas pra ela que já não diziam respeito às roupas de origem de Três Marias...



## **PSICANALISTAS QUE FALAM**

Olha, isso mexeu mal comigo, porque eu... Eu tô falando de mim. Porque eu pensava: "Como é que vai ser com essas pessoas a gente ganhando? Como é que nós vamos vesti-los, de que, qual roupa? Se isso mudou, a comida não vai mudar?". Porque pra nós era um prazer a gente... Eu ia lá todo sábado de manhã, era longe, de carro 300 e tantos, 400 quilômetros, mas a gente comia: arroz, feijão, eles faziam, a gente levava... Mas e se eles vierem pra cá, o que é que eles vão comer, depois da vinda dessa moça?

Eu queria falar que ficou uma confusão pra mim, até hoje não se resolveu e eu vou morrer sem resolver, porque eu penso nisso de vez em quando...

Por exemplo: com a doença da minha empregada que tá comigo há 25 anos, eu penso nisso, como é que é, porque me dá vontade de mandá-la embora, porque... Eu dei pra ela uma casa, eu queria indenizá-la, mas depois eu penso: "Ah, ela não vai achar um cara igual a mim". E a minha mulher diz: "Ninguém cozinha como ela", o que é verdade. Não é que eu seja um grande comilão, mas eu gosto de ser bem tratado, meu feijão e arroz têm que ser bem feitos. E nisso me volta sempre aquela moça, que era muito talentosa, como toda camponesa, mas o talento dela desmontou diante de alguém, de um de nós, que se interessou por ela também, ela era bonita, logo ela aprendeu o jargão da classe média...

É um detalhe, mas nenhum de nós passou incólume por isso.

Só pensando em fazer revolução ou fugir e tal.

Aí fui pro Rio, cheguei no Rio e fui morar com um tio meu que era um homem mais bem disposto, que tinha uma importação de relógios e fazia construções. Aí morei com ele na Tijuca e fui trabalhar com ele.

E fiquei de longe das manifestações. Mas aí eu não aguentei e fui me meter numa das manifestações e encontrei uma amiga que ela estava com outra mulher.

Eu confesso que na época eu fiquei meio perturbado, porque eu sempre li sobre isso, conhecia, era 65, final de 64... Então eu conhecia, mas ver duas mulheres juntas, duas mulheres intelectuais, duas professoras de universidade... Uma largou o casamento e os filhos pra ficar com a outra. Pra mim na época foi uma surpresa.



## PSICANALISTAS QUE FALAM

Então eu me lembro de um título de um livro: *[Der Überraschte Psychologe]* "O psicólogo surpreso/surpreendido". Eu me sentia assim com a vida.

De repente encontrar em 64, tem quantos anos? 50! Encontrar amigas, que uma tinha largado o marido, que era meu amigo, ele morreu num desastre de avião com aquele ministro do "Partidão" [Partido Comunista Brasileiro], esqueci o nome do ministro. O amigo não, mas não é preciso dizer. Ele morreu nesse desastre de avião, foi decolar e parece que sabotaram o avião e ele morreu. Mas com ela, de quem eu me tornei muito amigo, dela e da companheira dela. A companheira dela mulher, colega nossa, muito inteligente, muito vivaz, sabia das coisas, através dela que eu fui saber do valor da Marilyn Monroe pra mim, foi curioso, mas não preciso contar...

[00:20:25] Mas, então, encontrando essas pessoas eu encontrei um outro modo de ser esquerda no Rio.

E eu tinha uma posição financeira muito boa, então eu sustentava muita gente, ajudava quando precisava de dinheiro etc e tal. E me meti nos movimentos...

Era uma vida gozada, até uma certa hora eu trabalhava e depois eu, como se dizia na época, eu militava – tô falando muito de mim, né?

É, mas a militância tinha pessoas muito corretas. Gozado, eu tinha um sentimento de confiança de que eu podia falar tudo para os meus companheiros que eu não ia ter problema nunca de nada. E não foi verdade. Eu tenho episódios, um episódio na vida que me baleou pra sempre: eu fui casado com uma miss que foi locutora da Rádio Havana, o marido dela foi morto na rua no Rio, numa armadilha, e eu e ela vivíamos às brigas, como todo bom casal, mas um dia ela me fala assim: "Vou ter que fazer um encontro". E isso já era muito depois, já era 68. Eu a encontrei, ela era editora de uma revista importante de cultura no Rio, eu fui dar uma conferência...

Esse lado aí ninguém conhece aqui em São Paulo, então vou falar pra vocês – eu cheguei a dar 12, 15 conferências por semana, sobre todos os assuntos que você pode imaginar, porque na época não tinha especialistas como hoje: "fulano sabe isso da vida de



**PSICANALISTAS  
QUE FALAM**

alguém, ou aquilo e tal" ... Eu era o especialista generalizado, que conhecia de tudo, e não era pouco de tudo, eu falava bem, e pensava não tão mal... Então eu dava conferência...

Por exemplo, a Escola de Frankfurt eles foram conhecer através de mim lá no Rio, que talvez um ou outro conhecesse, mas não era público. O Walter Benjamin eu conheci muito antes que todo mundo. Estou falando porque aqui em São Paulo tem importantes conhecedores do Walter Benjamin. Eu traduzi [Michel] Foucault antes do Foucault ser conhecido, depois eu fui amigo dele.

Fui amigo de muita gente assim, porque eu era assim, um chamado "sabichão geral".

Não tô falando como qualidade. Eu acho isso hoje uma grande picaretagem, mas na época era importante ter alguém que soubesse de muita coisa.

E aí ela um dia me fala assim: "Ah, eu vou ter que fazer um encontro com um fulano – cabo Anselmo, vocês já ouviram falar – e tal, porque ele chegou de Cuba". Porque ela era locutora, da Rádio Havana. "E eu tô com medo e tal". Deixa que eu vou. Pronto, eu era o machão, pra fazer as pazes com ela, aí fui encontrar com o cara, que andava com uma jaqueta de couro e uma arma, a arma era evidente, uma arma dessas que ele deve ter comprado na Rússia antiga, de tão grande que era. E fiz as ligações. Ele já tinha outras ligações e entregou todo mundo e pessoas foram mortas por causa disso e eu fui preso. Ela primeiro e eu depois.

Ela ficou presa uns 15 dias e eu uns 30 e poucos. Mas é uma história muito complicada. Vocês também não têm ideia. Eu não estou me colocando nem em cima nem abaixo de vocês, mas dizer que conhecer isso de dentro é muito ruim, é muito... Você saber que fez uma ligação dessas é muito ruim, é terrível.

[00:25:30] Por isso que eu citei a Inês, porque a Inês estava nessa história. Ela veio me chamar por um motivo que apareceu depois na prisão dela e apareceu na minha prisão esse motivo, o mesmo.

Enfim, eu tava em todas assim, aí eu fui pra filosofia no Rio e encontrei dois professores. Eu já trabalhava desde 66 na Revista Tempo Brasileiro, que era de Eduardo





## PSICANALISTAS QUE FALAM

Portella, que foi Ministro da Educação, é um homem de centro, mas correto, afirmativo e tal. E lá eu encontrei o [Emmanuel] Carneiro Leão, que é um filósofo, heideggeriano, que se formou... Ele foi doutor na Universidade Gregoriana de Roma e foi doutor junto a Heidegger, ele foi um dos poucos alunos diretos de Heidegger. E eu me encantei com essa... Eu sempre conheci filosofia, eu dava aula de Escola de Frankfurt, eu sabia certamente mais do que eu sei hoje. Walter Benjamin eu descobri dentro da Escola de Frankfurt porque eu liguei isso ao marxismo dele. Mas Emmanuel me apresentou ao Heidegger que era um homem de direita e eu descobri material dele até hoje. Ontem eu falei isso numa banca que eu estive, eu sei o lado direito, fascista do Heidegger mais do que os outros, porque eu vim do marxismo. Eu conhecia muito marxismo, nós tínhamos um grupo sobre *O ser e o nada* que levou seis meses lendo *O ser e o nada*, não era pouca porcaria em 60, 61. Éramos raros os que líamos francês e raros os que se dedicavam a isso. E o grupo era muito bom, era de muito peso, conhecia muita coisa.

Eu tô me excluindo desse grupo, eu tô falando do bom dos colegas.

Então, quando eu encontrei o Carneiro Leão eu fiquei... Eu sou amigo dele até hoje. Emmanuel tem hoje 84 anos e eu me dou muito com ele, gosto muito dele! O pensamento dele é uma coisa e eu separo da figura dele, que é uma figura importante.

E na faculdade eu encontrei o Zé Américo Peçanha (suspiro)... Bom... (*pausa*) Meu colega de ideias e mestre. Ele dirigiu aqui em São Paulo a coleção *Os Pensadores*, que na época foi muito importante.

Eu também não era desimportante, eu dirigia *Tempo Brasileiro – Tempo Brasileiro* vendia 500 exemplares. Eu lancei um sobre o estruturalismo, vendeu 30 mil! Fizemos uma segunda edição que foi publicada fora, depois fiz um número sobre comunicação, que vendeu muito... Eu tô falando "vendeu" do interesse intelectual, porque a gente não ganhava nada pelo que eu fazia em *Tempo Brasileiro*. Nós traduzimos Levis Strauss, Foucault, eu organizei a tradução de uma coleção ligada à Alemanha com o próprio Benjamin, nós traduzimos a Escola de Frankfurt também, outros autores: Gaston Bachelard... Quer dizer, não eram só autores de esquerda, mas de esquerda também...



## PSICANALISTAS QUE FALAM

[00:30:20] Eu queria dizer que eu era ligado a essas pessoas, dava um bando de aula, eu conhecia Bachelard, um novo espírito científico, a questão da corporeidade por relação à abstração... Eu fui dos primeiros no Brasil a falar disso, talvez a tirar coisas do Bachelard que ele nem tinha explicitamente.

Enfim, eu conheci todos esses autores alemães, franceses, ingleses, norte-americanos, latino-americanos... E Foucault que foi uma... Fiz uma entrevista com ele onde eu apareci... E o Hélio se dispôs com ele porque o Foucault falava que a psicanálise era um saber da confissão e o Hélio não admitia isso, mas o Foucault então num certo momento falou que não tinha condições... Isso tá num livro do Foucault chamado *Ditos e Escritos*.

Quem chamou o Foucault pro Brasil – foi a segunda vez que ele veio aqui, a primeira foi em São Paulo, a segunda foi no Rio convidado pelo Affonso Romano de Sant'Anna, que é meu amigo até hoje e que também, desgraçadamente, é mineiro e cantor, porque eu também já tive minhas veleidades de cantor de ópera. E o Affonso cantava no Madrigal Renascentista. Mas a vinda do Foucault aí foi impressionante, porque a mim me fez ter vontade pela primeira vez de me juntar a colegas que pensassem como eu. Por que ficar sozinho? Ser uma espécie de anarquista? Aí eu comecei a me juntar em torno da psicanálise, que é o que me interessava.

E conto pra vocês uma coisa que foi publicado, mas vocês não sabem – olha só: que Foucault tentou três vezes fazer análise e foi publicado isso numa revista chamada *Versus*, que é daqui de São Paulo, ele contou isso, mas não deu o nome dos analistas. A mim ele me contou por que é que largou a psicanálise: ele tinha lançado *A História da Loucura*, que foi um livro que rompeu com tudo o que se pensava sobre loucura, luta de classes, foi uma coisa que deu uma origem a um movimento que hoje não tem tamanho. Aí ele ia na análise pra falar de questões dele – eu não quero dizer quais que ele contou. Mas aí o analista, ao invés de ouvir a questão e resolver falava assim: "Mas na página tal da *História da Loucura*, você tá errado"... Aí ele foi embora do primeiro. Foi embora do segundo pelo mesmo motivo e foi embora do terceiro e depois foi embora da psicanálise.



**PSICANALISTAS  
QUE FALAM**

E um dia ele se tornou inimigo da psicanálise. Na *História da Loucura* ele acha Freud um gênio, que o ajudou a pensar questões. Depois ele ficou com um mau humor da psicanálise pra mostrar que era uma ciência, ou um saber do confessorário, um saber meio violento... Enfim...

Mas são... Eu não tô analisando, tô contando, mas também isso não pode ser afastado da vida de um grande homem como ele. Então era importante alguém um dia ir lá na coleção do *Versus* – eu devo ter isso na minha casa, queria dizer a vocês que eu tenho um quarto atulhado de livros que eu já não entro lá tem muito tempo! Porque eu moro numa casa muito grande, maior do que essa, um apartamento e eu não vou a esse quarto... Tem livros lá de filosofia, eu tenho a obra do [Edmund] Husserl em alemão que eu já não leio faz 20, 25 anos, que eu tinha lido os quatro volumes. Husserl em alemão, não é pra qualquer um, é uma tarefa dura.

[00:35:15] Mas eu não entro nem mais no quarto, deve ter poeira ali, tem umas malas dos meus netos, uns quadros velhos que eu não tenho onde pendurar e tem a Revista *Versus* em algum lugar, tem *Fantasma*, *Popeye*, *Mandrake*, *Homem Aranha* – eu tenho o primeiro exemplar do *Homem Aranha* no Brasil.

Bom, é isso. Eu era jovem. E é isso.

De Foucault nós pulamos... Podemos pular pra... Nós resolvemos nos reunir... Minha analista me foi apelo Hélio Pellegrino, porque ela era analista do Hélio. O Hélio foi analista da minha mulher. E ele vivia me dizendo que ele era meu amigo e a gente tomava porre. Daí depois dos porres ele falava: "Separa dessa mulher". Era a mulher mais bonita que eu vi na minha vida. Eu me encontrei com ela esse ano por circunstâncias e ela continua bonita, ela tem a minha idade, menos dois, três anos, quatro, mas ela continua muito bonita. Foi capa da [Revista] *Manchete* duas vezes e tal. Mas o Hélio falava: "Separa!". Ele nunca me disse o porquê, mas devia ter algum motivo, né? Um amigo pra outro, de porre, tem bons motivos... Mas o Hélio então me arranjou uma entrevista e a Kattrin [Kemper] me aceitou. Ela tinha filas, uma analista igual a Kattrin recebia no preço que ela queria e levava seis meses... Eu consegui na primeira entrevista porque o Hélio



## PSICANALISTAS QUE FALAM

interferiu. O Hélio era não só uma pessoa importante – ele é avenida aqui em São Paulo, né? Avenida Hélio Pellegrino. Ele era poeta, grande poeta, cronista e líder da passeata dos 100 mil, em 68 ele que foi escolhido líder. Ele fez um discurso no Palácio do Governo, na frente do Negrão de Lima. "Ou o senhor faz isso e isso ou o senhor se demita". Eu tremia, devo dizer a vocês que foi das pouquíssimas vezes na vida – quando eu fui preso não tremi, mas diante do que o Hélio falou pro governador, imagina... O Hélio era muito ousado, um ousado verdadeiro, mas era meio maluco. Enfim...

Depois da minha prisão e tal, aí a gente resolveu fazer um grupo que pudesse atender mais barato, um grupo de psicanálise. Eu também tinha interesse profissional, porque eu tinha terminado naquele ano filosofia e eu dava aula, mas eu não conseguia comer das aulas, porque hoje o professor é muito bem pago, mas na época era muito mal pago. Aí eu me aproximei da psicanálise.

Já fazia análise com a Catarina [Kattrin]. E eu fui pra Sociedade que ela tinha fundado, o Círculo [Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro]. E... Aí nós resolvemos fazer um grupo, cujo nome eu inventei, chamava-se *Encontros psicodinâmicos*. Aí nós nos demos conta de que o psicodinâmico afastava a psicanálise. Era psicodinâmico. "Psico" qualquer um é psico, mas psicanálise não é qualquer um, então fizemos um grupo só em torno da psicanálise, de como atender pessoas. E nós tivemos que reaprender...

Esse negócio era uma sociedade de psicanálise social que trouxe um problema com a IPA [Internationa Psychoanalytical Association]. A IPA falou: "Vocês façam o que quiserem, mas tirem o nome de psicanálise". Ela queria ser o dono de psicanálise aqui.

[00:40:05] Vocês talvez não se recordem, mas vocês estão diante de um – que sou eu, que eu também já fiz coisas... Que nós tivemos que lutar contra um projeto na Câmara de Deputados, chamava Alcântara não sei o quê, que queria que psicanálise só pudesse ser quem se formasse na IPA e quem tivesse diploma de medicina.

E eu era professor de medicina, mas não me interessava minimamente em ser médico. Eu queria dizer que eu fui professor em cinco faculdades de medicina federais ou estaduais, por exemplo: uma cadeira chamada Antropologia Médica, eu que criei. Tive



## PSICANALISTAS QUE FALAM

que ler os gregos para entender o que é que era medicina na Grécia, ou como era medicina... Isso na linha do Foucault, que eu já tinha conhecido. Como era a medicina na Idade Média, a luta de classes dentro da medicina...

Por exemplo, na Grécia, três tipos de médico, só veio um para nós, que era o hipocrático. A gente pensa, até hoje os médicos pensam que lendo um livro de Hipócrates e já sabem. Mas o Hipócrates pra ir atender os pacientes ricos dele, ele levava um *empiricus*, que era o carregador de pastinha, levava os instrumentos dele... O *empiricus* atendia os *hoplitas*, que eram os cavaleiros, que quando iam à guerra, eles não mandavam, mas eles montavam e atacavam. Isso fez com que nascesse uma medicina de emergência, de feridas, igual tem hoje, médicos que atendem emergências. Então nasceu uma literatura e uma classe – só pra vocês entenderem a importância disso, que hoje tá meio apagada, vou dizer em que, então esses médicos *empiricus* – *empíricos* é em grego, eles eram importantes porque: o Hipócrates lavava a mão, levava panos brancos... Eles não, aprendiam a lavar a mão... Isso vem mais de um ritual, eles não tinham lido a obra de Pasteur que só nasceu quase dois mil anos depois, mais de dois mil anos depois. Mas eles lavavam a mão, acho que eles não contaminaram muita gente sem querer. Eles faziam a mesma coisa que o médico hipocrático que tinha um tratamento filosófico, o grande nome era Alcmeão de Crotona – ou de Crótona, como quiserem, porque eu estudo em francês, em inglês eu não sei como é que fica ou português. E depois tinha o cara chamado "*prakticos*", porque o *empiricus* carregava e ia sozinho com o hipocrático que era o médico particular, os 3% dos médicos que a gente conhece. O *prático* – *prakticos*, ele atendia... É uma história complicada, mas acho que pra isso que vocês estão pegando é importante: ele atendia as pessoas que ficavam pela beira do caminho. Por exemplo se o soldado se feria ou tinha uma doença, o hipocrático não ia atendê-lo e o *empíricos* também não, ele atendia os oficiais, o soldado era atendido pelo *empíricos*, que sabia, tinha técnicas, tipo o SUS, tinha filas, mas ele era rápido e rasteiro, ele tinha um atendimento de pessoas mais pobres, cobrava um dracma, que era a moeda lá. E assim



## PSICANALISTAS QUE FALAM

foi se fazendo uma outra medicina, que não tem nada a ver com essa que se ensina na escola.

Eu acho que era uma tarefa política importante, alguém como eu, coligir isso, que não existia assim, por exemplo, um livro sobre isso. Você tinha que atravessar uma literatura que alguém tem que ter um apetite de leitura enorme, uma pesquisa pra entender como que essas medicinas foram se codificando.

[00:45:00] Essa medicina *prakticos*, por exemplo, essas mulheres que fazem parto, teve um filme recente com a Judi Dench sobre uma delas, que essas mulheres... Porque o parto tem que ser feito... Porque se não morre a mãe, morre a criança. Mas o médico elas não tinham dinheiro e nem sabiam da existência de médico. A parteira aqui é considerada uma profissão fora da medicina, nem paramédica. E deveria ser. Eu acho que deveria haver uma preocupação dos médicos de poderem formar parteiras, no mínimo dar um conhecimento a elas, isso daria uma dignidade à mãe que precisa da parteira que não pode pagar médicos de tipo nenhum. Ou, quando você vai ao SUS, a mãe vai e quando sai o menino já tá com um mês de tanto que demora o atendimento.

Então nós fizemos isso com a história da medicina. Nós... Primeiro ficou aberto - foi curioso isso - foi uma época... Eu coloquei esse curso na Faculdade de Medicina e Cirurgia que se chama UniRio, então eu lembro que tinha um professor lá muito doido: Jacques Uli [?]. Mas doido no bom sentido, porque ele abriu pra isso.

Eu fiz pesquisa sobre bócio num bar que era perto de lá, em Rio Comprido, todo mundo tinha bócio, e eu queria saber por quê. Depois nós fizemos pesquisa: casas riquíssimas e todo mundo tinha bócio, porque a água tinha iodo. Então foi uma pesquisa importante do ponto de vista social, essa coisa que eu indaguei, questionei - tô falando de mim, me desculpem, mas...

Os meus alunos lá... Porque é que não se dá um curso lá pra esse atendimento, por exemplo, pra quem não tem disponibilidade financeira de ser atendido de um certo modo, que foge do modelo hipocrático e tal, isso muito antes do SUS. E eu acho que muitos



## PSICANALISTAS QUE FALAM

colegas, que eu vejo o nome deles e vi depois, seguiram isso. Isso pra mim foi uma coisa importante.

E depois a gente foi fazer a tal de clínica social da psicanálise. Primeiro teve esse nome de *Encontros Psicodinâmicos*, começou em 72, 73... E nós fizemos e tínhamos dois tipos de atendimento: um era na favela, no Pavão, no Pavãozinho, era ali perto. E o outro era num lugar que era a Faculdade de Cândido Mendes que era uma igreja. Mas depois de atender um tempo, eu não me lembro que dia da semana era, talvez 2ª... Uma vez um amigo e eu... Meu amigo era um gênio, porque ele trabalha aqui com o Newton da Costa, ele é químico, engenheiro, lógico – pra trabalhar com o Newton da Costa tem que ser lógico – e conhecia muita filosofia, fez o primeiro livro sobre Marcuse no Brasil e tal. Nós resolvemos uma vez contar quantas pessoas tinham nesses *Encontros Psicodinâmicos*, tinha 118! Aí nós nos demos conta de que as pessoas que podiam pagar a análise iam lá pra economizar, porque lá você pagava 10 reais, e muitos nem pagavam. Então se fazia, alguém apresentava um caso: "Minha filha...". "Meu filho...". "Meu pai pe-pe-pé, não sei que lá"... Havia uma discussão e o analista, que já estava no papel da transferência no centro, fazia uma interpretação. Eu era um auxiliar, tinha um nome lá, nós inventamos um modo de organizar... Enfim...

E a gente trabalhava também no interior da clínica que era na Rua Toneleros, trabalhávamos com outro tipo de... Uma juventude que vinha lá que os pais não podiam pagar, evidentemente, e fazíamos grupos... E foi muito difícil, porque precisamos de criar uma técnica analítica pra isso. Eu não quero contar aqui, mas eu próprio depois criei uma técnica que eu uso até hoje pra grupos, chamada mobilização clínica e que eu acho inteiramente diferenciada de grupos, mas seria fugir do tema, mas acabou voltando pra psicanálise tradicional, porque eu pertenco a um grupo que tem no momento mais de 60 membros. Então a psicanálise acabou se valendo disso.

[00:50:15] Depois a gente atendia... Eu também não me sentia muito à vontade, vocês vão entender por quê.



## PSICANALISTAS QUE FALAM

A gente atendia pessoas que estavam, por exemplo, na clandestinidade e piravam. E isso aí ninguém conta, porque não é bonito contar. Como? O cara era clandestino, o cara era herói... Olha, não tem herói, a gente se borra nas calças, na hora... Eu quando fui preso, até ficar sabendo o porquê, dá um medo danado, você sabia que era torturado e tal... O cara que vivia na clandestinidade já se borrava o tempo todo e guardar alguém era terrível e etc e tal.

E pelo menos uma pessoa eu tive que recusar, porque essa pessoa era muito visada e eu morava – porque eu tinha me separado da minha mulher pra morar com essa outra mulher – e eu morava com meus filhos e eu achava que era correr muito risco por causa dos meus filhos.

Queria falar que quem tem filhos, eu não sei como é que foi para os meus colegas que acabaram morrendo, porque eu conheci muitos. Mas pra mim foi muito – até hoje é – muito ruim. Meu filho ficou traumatizado... Eu fiquei cinco anos sem ver meu filho, porque eu trouxe minhas filhas pro Rio e meu filho ficou com meu pai. Eu tô falando "meu pai", porque ele era mais ligado ao meu pai que à minha mãe. Mas eu tenho a impressão de que a gente nunca mais se acertou.

Com as meninas sim. Minha filha foi uma líder do PT, ela era madrinha dos prisioneiros da Lemos de Brito, então a gente se encontrou por esse caminho.

Minha filha mais velha também. A minha neta até hoje é muito ligada a essas questões, presta atenção em tudo que acontece no Brasil e tal. E meu neto é economista – economista pobre, mas é economista – mas ele discute comigo, a tese dele é sobre investimento na China, investimento em invenção nas instituições e atravessada por textos... Ele ficou pasmado quando soube que eu conhecia a obra do [Eric] Hobsbawn, aí ele veio pedir minha ajuda, a gente conversou... Então isso ficou muito na minha...

Bom... Mas eu depois fui me afastando desses movimentos. A Polop, como você sabe, acabou, se uniu à VAR-Palmares e eu fui começando a me afastar dos movimentos instituídos.





**PSICANALISTAS  
QUE FALAM**

Eu sou amigo até hoje do presidente das Ligas Camponesas, ele é mais velho do que eu oito anos, parece, mas nós fazemos aniversário no mesmo dia, então eu fui ao aniversário dele e ele veio à minha posse aqui na Academia [Brasileira de Filosofia].

Bom, desculpe... Mas... Eu hoje tô muito decepcionado, porque – eu vou fazer umas declarações aqui – porque eu sempre achei...

Eu fiquei primeiro decepcionado quando eu procurei um emprego qualquer pro meu filho, porque meu filho tinha dificuldades... Ele tem um título já de advogado e não tinha um pistolão, aí eu fui a um amigo que era importante no governo Moreira Franco e ele foi meu colega, achei que podia arranjar algum emprego desses que hoje equivaleria a três, quatro mil reais. Eu pago à minha empregada isso, então não seria grave meu filho ser um desses cupinchas. Botou ele na sala esperando seis horas, foi com um advogado que hoje é uma figura importantíssima, o advogado foi porque é meu amigo, ficou com meu filho lá e num certo momento saiu irritado, nunca mais quis falar com o secretário lá.

[00:55:10] Eu fiquei meio decepcionado perguntando que solidariedade é essa, porque é que eu tinha tanta confiança, confiança não vinha nem num mínimo, e que eu tava pedindo pra um filho, e que eu tava pedindo porque ele não tinha uma situação de independência financeira, porque as coisas mudam muito. Como estão mudando agora, pelo menos no meu núcleo estão mudando rapidamente. Isso foi uma.

A outra, observando a situação brasileira, me veio uma decepção, porque o meu irmão... Eu recebo e-mails hoje criticando a política, essa história da Petrobrás, todas essas histórias do Ministério da Fazenda, da corrupção e tal..., Mas meu irmão manda as histórias opostas, ele diz: "Por que é que esse ônus cai em cima do governo do PT? Porque o PT conseguiu colocar os pobres numa classe superior" – eu não chamo isso de classe média – mas que mudaram de classe não há a menor... "Porque o PT não sabe discutir", eu acho que devia falar: "Mudamos de classe ou não?". "Mudou. "Tem mais o que comer?". "Tem". "Tem mais o que vestir?". "Tem". "Salário melhorou?". "Melhorou". "As casas mudaram bastante?". "Mudaram". "Tem outro tipo de atendimento?". "Tem". Então houve uma mudança, se não é a classe média é uma classe diferenciada.



## PSICANALISTAS QUE FALAM

Vocês têm aqui um teórico que conhece isso, nem sei se ele funciona mais: José Augusto Guilhon Albuquerque e a Terezinha [??]. Eles escreviam que a classe não é só essa estratificação que o Marx propôs. Eu pensei nos termos dele porque eu conheci o Zé Augusto e conheci o livro dele, claro, e eu acho que houve uma mudança importante. Mas também o acúmulo de dinheiro do Estado me lembra o que se fez com a nomenclatura na União Soviética. Quando o governo lá acabou, meia dúzia de mandões meteu a mão no dinheiro e fez o que quis e tá fazendo o que quis. O [Vladimir] Putin botou alguns na cadeia pra se apropriar do dinheiro deles, mas foi de uma violência que um cara de direita como o Adolpho Bloch manjou isso antes que acontecesse, porque ele conhecia, ele fala russo, ele era de lá e tal. E eu pude ver isso, enfim, em algumas situações...

Eu estive na Polônia e dei uma brochada lá, não no sentido que vocês estão pensando, eu dei uma brochada de viagem, porque meus pais eram poloneses e eu teria vontade de visitar a cidade deles. Quando eu cheguei lá e vi em Varsóvia, no governo Gomulka, como eles tinham queimado a casa dos judeus, o bairro dos judeus, eu fiquei pensando: “Como é que é isso? É antissemita enquanto é czarista? É antissemita enquanto é nazista? Continua antissemita?”.

E eu realmente me repus e hoje eu tenho muita desconfiança de que a nomenclatura aqui, eu acho que os argumentos que eu recebo são corretos: houve essa mudança, infelizmente com esse episódio Petrobrás ela foi interrompida, mas eu continuo, meus amigos são todos de esquerda. Meus amigos íntimos, a quem eu conto todas as minhas mazelas, que me acompanham na minha vida, até pra ir à ópera, são todos de esquerda.

Ah, mas eu não quero discutir isso. A palavra nomenclatura a eles dá um arrepio e a mim ela se remete a uma situação de concentração.

Eu, por exemplo, tô muito curioso pra saber o que é que vai acontecer em Cuba, com a entrada de firmas brasileiras lá, eu fico pensando se é só uma bondade ou se o BNDES tá financiando porque vai explodir o caso até o fim do ano, pelas informações de cocheira que eu tenho.



**PSICANALISTAS  
QUE FALAM**

[01:00:20] Então eu acho que a minha geração nesse sentido fracassou. Os que ganharam foram pro governo, não sei o quê, e fracassou porque eles se corromperam e fizeram coisas que não estavam no programa, eu acho.

Eu queria falar que é difícil pra mim porque eu sou parte deles, gosto deles... Mas, os que ficaram fora como eu, também fracassaram, a gente não tem com o que sonhar. Acabaram os sonhos, porra. E os outros não foram atendidos, o roubo está aí escancarado, vergonhosamente.

Eu conheci essas pessoas todas, são muitas, de perto... Eu não sei... O jeito é dar entrevista.

Desculpem. É isso. Pra mim chega.

[01:02:00] CRÉDITOS

[CHAIM KATZ] É, pelo menos eu jantei bem ontem...

[LÚCIA LIMA] Quer café?

[CHAIM KATZ] Quero, por favor.

FIM.